



As representações suburbanas e raciais no romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto

Suburban and racial representations in the novel Clara dos Anjos, by
Lima Barreto

Dossiê

Juliana Kiszewski Pauletto*

ORCID: 0000-0002-6085-6033

E-mail: julianakpauletto@hotmail.com

Recebido: 30/10/21

Aprovado: 04/12/21

Resumo

Este artigo tem como *corpus* central a obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, com o objetivo principal de analisar a construção da sociedade brasileira após a abolição da escravatura. Dentro desta análise, o artigo pretende abordar a construção dos subúrbios do Rio de Janeiro, evidenciando as diferenças entre as condições das pessoas brancas, membros da elite ou não, e afrodescendentes no período histórico abordado pela obra. É, ainda, objetivo deste trabalho, abordar a representação da condição da mulher negra na sociedade brasileira. Esse percurso, por fim, tem o intuito de demonstrar que o fim da escravidão não resultou na condição de igualdade e, ao contrário, contribuiu para a perpetuação e construção de preconceitos que perduram até hoje dentro da sociedade brasileira.

Palavras-chave

Escravatura. Subúrbio. Clara dos Anjos. Mulher negra. Lima Barreto.

Abstract

This article has as its central corpus the work *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, with the main objective of analyzing the construction of Brazilian society after the abolition of slavery. Within this analysis, the article aims to address the construction of the suburbs of Rio de Janeiro, highlighting the differences between the conditions of white people, elite members or not, and African descent in the historical period covered by the work. It is also the objective of this work to address the representation of the condition of black women in Brazilian society. This path ultimately aims to demonstrate that the end of slavery did not result in equality of condition and instead contributed to the perpetuation and construction of prejudices that linger today in Brazilian society.

Keywords

Slavery. Suburb. Clara dos Anjos. Black women. Lima Barreto.

* Mestranda em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

“A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social.”

Lima Barreto

O escritor Lima Barreto (1881 – 1922) buscava, em sua literatura, retratar as questões étnico-raciais do Brasil de sua época. Afonso Henriques de Lima Barreto, filho de pai tipógrafo e mãe professora, ambos afrodescendentes, não escondia suas origens e, como Lilia Schwarcz (2017) aponta, “definir-se de origem africana - num país que buscava tornar invisível seu passado, bem como a cor social dominante em seu território - não era postura fácil de sustentar” (SCHWARCZ, 2017, p. 403). A mãe de Lima Barreto morreu ainda jovem devido à tuberculose, quando o escritor tinha entre seis e sete anos. Lima Barreto chega a iniciar o curso superior de engenharia na Escola Politécnica, mas acaba abandonando em 1902, pois seu pai adoece mentalmente - e acaba sendo internado no mesmo hospício onde foi guarda. Durante esse período, começa a escrever para jornais e acaba por ingressar no funcionalismo público, o que não o afasta dos ambientes literários - não deixando de frequentar cafés e livrarias do Rio de Janeiro - e, por fim, em 1905, começa a trabalhar no *Correio da Manhã*. Os artigos publicados de Lima Barreto ganham destaque, entretanto, devido às diversas críticas que realizava, tanto à sociedade, como a outros nomes do jornalismo e da literatura da época. Dessa forma, o escritor acabava por comprar brigas e criar inimizades.

Lima Barreto acabou, também, por ficar conhecido pelo seu abuso da bebida, tendo de ser internado por alcoolismo no Hospício Nacional duas vezes, em 1914 e 1919. O escritor veio a falecer em 1922, aos 41 anos, devido a um problema cardíaco decorrente da saúde já debilitada. Mesmo havendo outros membros do meio jornalístico e literário com o qual não se relacionava, Barreto, ainda assim, conquistou admiradores - como o escritor Monteiro Lobato. Apesar das dificuldades de seu cotidiano, o olhar aguçado do escritor para a sociedade brasileira se destaca até hoje, tanto em sua obra jornalística quanto na sua literatura.

Dentre as suas obras, distingue-se *Clara dos Anjos* (1948), que em forma de romance, o autor não chegou a ver publicado. Entretanto, em 1920, o autor publicou a história em formato de conto, na coletânea *Histórias e sonhos*. Apesar da história sofrer várias alterações em sua transformação para romance, o argumento da narrativa permanece. O manuscrito do romance data de final de 1921 e começo de 1922, ano da morte do escritor. A coletânea de contos, que primeiro nos apresentou Clara dos Anjos, é bem recebida pela crítica jornalística, sendo reconhecida “como uma obra que trazia ‘o sentimento da Terra’ e a ‘compreensão do povo’, tudo com ‘ironia’ e ‘piedade’. [...] Lima vai sendo definido como escritor do meio brasileiro, das almas excluídas” (SCHWARCZ, 2017, p. 405). Apesar de não ser um romance longo, *Clara dos Anjos* foi o livro mais trabalhado e alterado pelo autor. Além disso, a obra se sobressai por sua preocupação em representar os subúrbios e as reminiscências da escravidão que se perpetuavam, e ainda permanecem, em relação às questões raciais. Schwarcz (2017) lembra que este foi “o texto de Lima mais voltado para as especificidades dos subúrbios e também o mais preocupado em delimitar as divisões espaciais e simbólicas que por lá se estabeleciam - com fronteiras criadas internamente a partir da cor” (SCHWARCZ, 2017, p. 411). Vale também ressaltar que a cor é tida como uma forma de diferenciar grupos de maneira hierárquica, sendo, portanto, pensada como uma construção social, especialmente em um período em que as teorias raciais e modelos de branqueamento estavam em voga no país. As teorias raciais vinham ganhando força no país desde o final do século XIX onde, com o final da escravidão,

[...] as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão de obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania. (SCHWARCZ, 1993, p. 24).

Compreende-se, então, que o discurso racial surge como uma variante do debate sobre cidadania e que, desta forma, a cor torna-se uma questão de construção social, já que o indivíduo é julgado e categorizado pela sua raça. E, como Lima Barreto expressará em sua obra, a cor (e seus tons) também era uma maneira de diferenciar os membros do subúrbio.

O romance *Clara dos Anjos*, que será o centro de análise deste artigo, trata, portanto, dos subúrbios do Rio de Janeiro, com seus conflitos de cor e de gênero. Lima Barreto escreve o romance com o seu olhar da margem, pois o próprio autor viveu em muitos dos bairros suburbanos que descreve na narrativa. A vida suburbana, as personagens afrodescendentes e outras de classe mais baixa são os principais elementos do romance, mas também constituintes do cenário com qual o autor convivia e observava todos os dias. Desta maneira, a narrativa torna-se próxima do próprio autor, que precisou lidar com o racismo, assim como suas personagens, apesar de não deixar de definir-se como afrodescendente. Podemos, assim, afirmar que Lima Barreto fazia uma literatura negra, não apenas por ser de origem africana e se identificar como tal – algo bastante particular na época –, mas por tratar, em sua literatura, de negros, com todas as suas variações de cor, de maneira a representar o real contexto brasileiro, denunciando uma sociedade repleta de preconceitos. Em relação ao romance analisado, Lilia Schwarcz (2017) chama a atenção para o fato da obra se desenvolver como uma “plataforma contra os estrangeirismos, as desigualdades de origem, raça, classe e região; uma denúncia poderosa diante das continuidades que não se encerraram com a lei que aboliu a escravidão” (SCHWARCZ, 2017, p. 414-415). Como vimos, a abolição da escravatura, em 1888, não impediu a perpetuação de preconceitos e acabou por condenar, em geral, o negro à margem da sociedade – apesar de, em 1890, quase 50% da população total brasileira ser de origem afrodescendente –,¹ e aos subúrbios que Lima Barreto irá retratar.

A regra geral foi a não integração do negro à sociedade. Ele não tinha condições de concorrer com o imigrante, melhor qualificado tecnicamente. Os planos dos abolicionistas em relação à integração do escravo não se concretizaram. Os negros foram atirados no mundo dos brancos sem nenhuma indenização, garantia ou assistência. A grande maioria deslocou-se para as cidades, onde os aguardavam o desemprego e uma vida marginal. O que deveria ser um desajustamento transitório transformou-se num desajustamento estrutural, reforçando assim o *preconceito racial*. [...] Tomando como exemplo a relação violenta entre brancos e negros nos Estados Unidos e a miscigenação que existe no Brasil, difundiu-se a ideia de que a sociedade brasileira vive uma *democracia racial*. É um mito. A realidade nos dá provas de que em vez de democracia racial, o que temos é uma *tolerância racial*. (ALENCAR; RAMALHO; RIBEIRO, 1996, p. 207, grifos dos autores).

Lima Barreto, como um grande observador, captou em detalhes na sua obra o racismo que, sob essa suposta tolerância racial, permanece até hoje. Além disso, apesar de uma população predominantemente afrodescendente, no início do século XX, ainda era difícil encontrar autores que se dedicassem à questão racial, especialmente com tantas minúcias como o autor o faz em *Clara dos Anjos*. E os detalhes serão parte importantíssima e que merecem grande destaque dentro da obra, pois é a partir deles que se constroem as personagens, a ambientação e a questão

1. Cf. SCHWARCZ, 2017, p. 415.

social e racial. Lima Barreto destaca não apenas as principais características de suas personagens centrais, como também de outras personagens que contribuem para a construção da representação do subúrbio. Dentro dessas especificidades, há algo muito importante que Lima Barreto fazia questão de destacar: as cores de suas personagens. Entretanto, ao fazer isso o escritor “não deixava escapar as mínimas variações da “cor escura”, prática estranha à época” (SCHWARCZ, 2017, p. 408) – nem mesmo deixava de marcar o branco.

A preocupação em evidenciar as cores sociais de suas personagens retrata uma literatura preocupada em denunciar a posição do negro dentro da sociedade brasileira no período em que, apesar de ter sua liberdade legalizada com a abolição da escravatura, ainda não possuía uma autonomia econômica e muito menos igualdade. Pelo contrário, as teorias raciais e de branqueamento justificavam a desigualdade e o preconceito.

Podemos observar estas particularidades em relação às cores e a sua importância para os acontecimentos da narrativa na descrição das personagens. O romance inicia-se com a descrição de Joaquim dos Anjos, pai da personagem que dá nome a obra: “O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas; mas gostava de violão e de modinhas. Ele mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado em outras épocas, não o sendo atualmente como outrora” (BARRETO, 2012, p. 57-58). Apesar desse seu apreço pela música, era “pouco ambicioso em música, ele o era também nas demais manifestações de sua vida” (BARRETO, 2012, p. 60). Deixou a sua pequena cidade natal e veio para o Rio de Janeiro a convite de um engenheiro inglês, a quem estava auxiliando. Por fim, acabou por conseguir um emprego público como carteiro. Comprou uma casa simples, que havia terminado de pagar em prestações, onde morava com a filha e a esposa, dona Engrácia. A única filha do casal foi criada com muitas atenções e cuidado, a menina quase nunca saía de casa e, quando o fazia, era para ir à casa de dona Margarida ou ao cinema com as amigas no bairro próximo. Assim, Clara acabava por viver em meio aos sonhos e idealizava o casamento, sem compreender sua real posição dentro da sociedade. Fisicamente, a menina era parecida com ambos os pais:

[...] o carteiro era pardo-claro, mas com o cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso.

Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe.

Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados e rija musculatura; a mãe, não sendo muito baixa, escapava à média da altura de nossas mulheres em geral. Tinha ela uma fisionomia medida, de traços breves, mas regular; o que não acontecia com o marido, que era possuidor de um grosso nariz, quase chato, e malares salientes. A filha, a Clara, havia ficado em tudo entre os dois; média deles, dos seus pais, era bem exatamente a filha de ambos. (BARRETO, 2012, p. 124).

Como se pode observar na descrição, Lima Barreto evidencia os diferentes tons de pele negra de Clara e sua família, e assim o fará com outras personagens. Através de um dos amigos do carteiro, surge a figura de Cassi Jones (no conto, chama-se Júlio Costa) na vida de Clara. E observa-se que a evidência da cor não está apenas nas personagens negras; Lima Barreto também marca a personagem branca: “Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo” (BARRETO, 2012, p. 84). A marcação da personagem de Cassi, como branco, é fundamental para a construção social da cor e da hierarquia implícita delimitada pelas diferentes tezes. Essas sutis diferenças se dão nas relações entre os membros da mesma classe social, e, em determinadas situações, torna-se uma forma de distinguir sua pequena superioridade dentro dessa hierarquia pré-estabelecida. Ao descrever o povo dos subúrbios, Lima comenta sobre o “estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades

por que passam” (BARRETO, 2012, p. 184) e que faz com que as mulheres descarreguem “as suas queixas, em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes” (BARRETO, 2012, p. 184). Assim, “uma diferença accidental de cor é causa para que possa se julgar superior à vizinha” (BARRETO, 2012, p. 185), mesmo que tenham a mesma condição financeira. Schwarcz (2017, p. 412) lembra que Lima descreve as hierarquias de cor com uma precisão sensível e que são códigos que só podem ser traduzidos pelos “de dentro” dos subúrbios, como era o caso do próprio escritor – que coloca na obra a sua visão do subúrbio e dos tipos que lá moravam.

O autor descreve em detalhes as variedades de residências do subúrbio, desde as habitações mais simples até as mais bem-acabadas. A casa da família dos Anjos, por exemplo, se assemelha à moradia do próprio Lima. Dessa forma, a partir das próprias “andanças e observações, Lima Barreto escreve em *Clara dos Anjos* os dissabores de quem não tem outra opção de moradia além da periferia distante” (SILVA, 2009, p. 11). Observamos, no decorrer da obra, portanto, não apenas a construção da relação que levará Clara à ruína, como também a descrição do ambiente suburbano e de seus habitantes, tal qual Marramaque, Lafões e os frequentadores da venda do “seu” Nascimento. Lima Barreto utiliza a sua pena para imputar o abandono do governo em relação ao subúrbio e aos seus moradores:

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. [...] São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos. (BARRETO, 2012, p. 187-188).

Clara, ao contrário do que costumava acontecer na época com mulheres de sua condição, crescera alheia às questões sociais que a sua posição de mulher negra e pobre representavam: “era filha única de uma família bem estruturada, morava em casa própria, estudava e tinha sonhos iguais aos das demais mocinhas, que imaginavam a chegada de seu príncipe encantado” (SCHWARCZ, 2017, p. 409). Entretanto, durante a obra Lima Barreto apresenta a outras mulheres que, negras e pobres, anteviam o futuro de Clara:

Mesmo Rosalina, mais conhecida pelo apelido pejorativo de Mme. Bacamarte, apesar da vida mais desgraçada que levava, no armazém se portava com todo o rigor. Era verdadeiramente infeliz, essa rapariga. Seduzida em terna idade, a polícia obrigou o sedutor a casar-se com ela. Nos três primeiros anos as coisas correram mais ou menos naturalmente. Ao fim deles, devido a reveses, o marido começou a emburrar com ela, atribuir-lhe toda a sua desgraça, a espancá-la, mas dando alguma coisa com que ela se sustentasse e aos filhos. Já bebia, o marido dela; e, por esse tempo, fazia-o sem método nem medida. [...] Rosalina “pegou” o vício do marido e, do pouco dinheiro que ele lhe dava ou com o seu trabalho obtinha, comprava parati. [...] Pede a uma vizinha que fique com um filho; e uma outra, que fique com mais moço, e correu a atirar-se debaixo do primeiro trem que passou. Sofreu escoriações e fraturas em um braço e uma perna; mas os médicos da Santa Casa conseguiram salvá-la [...].

Os filhos, a mãe - uma pobre lavadeira - os tinha recolhido; e o marido nunca mais o vira. Em começo, portou-se bem; mas bem depressa foi correndo de mão em mão, até que as moléstias venéreas a tomaram de todo, obrigando-a a visitas constantes à Santa Casa, para levar injeções e sofrer operações. (BARRETO, 2012, p. 151-152).

Podemos observar, neste trecho, não apenas uma amostra do que o destino parece reservar para a personagem principal, bem como a denúncia sobre a condição da mulher negra e pobre no Brasil. Até mesmo Marramaque, padrinho de Clara, preocupava-se com a aproximação de Cassi, pois sabia da condição a qual as mulheres pobres estavam condenadas: “ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; [...]. *A priori*, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social” (BARRETO, 2012, p. 122). Lima Barreto mostrava-se preocupado com a violência a qual as mulheres estavam sujeitas, apesar de ser contrário aos movimentos feministas, que já se apresentavam na época, chegando a afirmar que:

Não é preciso pôr mais na carta, para se ver o que visa esse “feminismo” caricato que prolifera pelos solicitados dos jornais. O que ele quer não é a dignificação da mulher, não é a sua elevação; o que ele quer são lugares de amanuenses com cujos créditos possa comprar vestidos e adereços, aliviando nessa parte os orçamentos dos pais, dos maridos e dos irmãos. (BARRETO, 2010, p. 146).

Mesmo assim, Lima Barreto abordava o tema recorrentemente e com consistência já em obras anteriores. Contudo, é em *Clara dos Anjos* que ele investe de maneira mais direta na denúncia dos maus-tratos às mulheres pobres. A denúncia da prática de sedução de mulheres é tema central deste romance e já era foco do conto homônimo. Ao realizar esta denúncia, escancara a condição da mulher negra e coloca a figura de Cassi como o vilão da história – e, então, se torna ainda mais importante a marcação desta personagem como branca. Ao contrário de muitos escritores do período, que nem se davam o trabalho de ter uma personagem de origem afrodescendente, ou criavam personagens negras que eram “majoritariamente ou, se tanto, remediados, quando não vilões. Naquela altura, já fazia mais de trinta anos que a Lei Áurea fora decretada e, mesmo assim, os estereótipos continuavam presentes” (SCHWARCZ, 2017, p. 408-409). Por conseguinte, ter uma personagem que é vítima da sua condição de mulher, negra e pobre, enquanto seu algoz é um homem branco com uma pretensa superioridade por ser morador de um subúrbio “melhor”, contribui para a caracterização da obra de Lima Barreto como literatura negra e de caráter denunciatório da realidade social brasileira.

O vilão Cassi, que “de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez desfloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas” (BARRETO, 2012, p. 86), tinha as suas proezas estampadas nos jornais e já era conhecido pela polícia. Contudo, sempre encontrava um meio de escapar das incriminações e respectivos castigos. Cassi Jones, como vimos, se via como superior devido à sua condição relativamente “melhor” dentro do ambiente suburbano – e claro, por ser branco. Entretanto, ele era um vagabundo que, após o pai tê-lo expulsado de casa, ganhava dinheiro com brigas de galo e dedicava-se às modinhas e ao violão. A ostentação de Cassi – que até mesmo o nome de Jones pegou emprestado, em um ato de soberba, da mãe que “nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lord Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gosto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô” (BARRETO, 2012, p. 83-84), era apenas parte de sua pose de elegante do subúrbio, já que seus estudos haviam sido abandonados logo cedo. Na narrativa, Lima inverte os papéis das cores, colocando os brancos como “defloradores profissionais” (SCHWARCZ, 2017, p. 410).

Apesar disso, Cassi constitui um tipo cujo sucesso e superioridade estão delimitados pelas fronteiras do subúrbio. Fora desse ambiente, ele era engolido pelo centro da cidade-capital, pois estava longe

[...] do seu *lugar*, do mundo que conhecia e dominava. [...] Cassi Jones compõe um tipo identificado por Lima Barreto de indivíduos que são populares nos subúrbios, e até gozam de certo prestígio, mas mingam no ambiente do centro da cidade, onde não têm reconhecimento algum. (SILVA, 2009, p. 14, grifo do autor).

Lima descreve o sentimento de insignificância da personagem ao adentrar o centro da cidade e perceber que seus charmes não tinham valor algum fora dos subúrbios mais pobres:

A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio, tinha seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles “caras” todos, que nem o olhavam. (BARRETO, 2012, p. 256).

No centro da capital do país, Cassi Jones, que acreditava se vestir tão bem com roupas seguindo as modas da rua do Ouvidor, mas com um apuro forçado e feitas por um alfaiate das margens da Central, perdia a sua pretensa superioridade. Naquele ambiente, suas falhas e sua educação insuficiente se evidenciavam:

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia [...], Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, [...]; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma. (BARRETO, 2012, p. 256-257).

Percebemos que Cassi, com o seu caráter questionável, no centro da capital torna-se ninguém. Apesar disso, ainda consegue fazer muitas vítimas dentro das fronteiras do subúrbio, onde “todas as moças, das mais diferentes cores, que, ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiavam e harmonizavam, logo o admiraram na sua insignificância geral, tão poderosa é a fascinação da perversidade nas cabeças femininas” (BARRETO, 2012, p. 132). Cabia a Dona Salustiana, mãe de Cassi, receber as lamentações das vítimas do filho e, com a repugnância de suas vaidades de pequena burguesa e por não querer “manchar” a família com uma nora negra, encontrava uma maneira de espantar essas pobres moças e mostrar-lhes as suas posições de insignificância, como mulheres negras e pobres: “A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta” (BARRETO, 2012, p. 87). A descrição dos acontecimentos, logo no início do romance, não nos deixa surpresos em relação à reação da mãe de Cassi quando Clara, acompanhada de Dona Margarida, finalmente decide procurar a senhora para pedir que o jovem que lhe desflorou case-se com ela. Todavia,

Clara é pega de surpresa pela rudeza com que é recebida e pelas falas preconceituosas de Dona Salustiana:

A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico:

- Que é que a senhora quer que eu faça?

Até ali, Clara não dissera palavra; e dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer.

Ao ouvir a pergunta de dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

- Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malva-dez e indignação, demorando o olhar proposadamente. Por fim, expectorou:

- Que é que você diz, sua negra?

[...]

- Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta...

As filhas intervieram:

- Que é isto, mamãe?

A velha continuou:

- Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina – que diria ele, se visse tal vergonha? Qual!

Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu:

- Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga...

Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, 2012, p. 291-292).

Diante disso, Clara percebe a sua real posição dentro da sociedade e “o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar a coisa mais simples a que todas as moças aspiram” (SCHWARCZ, 2017, p. 411), o casamento. A personagem compreende que não há hipótese de mudar a própria condição, ela não tem outra escolha a não ser aceitar a ruína que lhe espera. Clara representa a condição da mulher afro-brasileira da época que, supostamente, após a abolição da escravatura, tem todos os direitos garantidos. Porém, isso não é suficiente para mudar sua condição. Clara dos Anjos, como uma mulher negra e pobre, está impedida de ter chances de progresso, tanto em questões econômicas como sociais, evidenciando as desigualdades da sociedade brasileira do período. No final do trecho citado, observamos a culpabilização da vítima através da fala da mãe de Cassi, entretanto, isto contribui para observar como a sociedade via as vítimas que, devido a sua posição social, não tinham realmente chances de mudar a sua condição e, como Marramaque havia antecipado, seus esforços e os dos seus estavam condenados porque não eram suficientes para mudar a sua classe social. Da mesma forma, todas as outras vítimas de Cassi, especialmente as afrodescendentes, não conseguem modificar a sua condição e, como vimos anteriormente, acabam por se deteriorar. Assim é o caso de Inês, primeira vítima do rapaz, “que sua mãe, sem nenhuma consideração, tinha expulsado de casa em adiantado estado de gravidez” (BARRETO, 2012, p. 262), e que o rapaz encontra no centro da cidade, surpreendendo-se com a “negra suja, carapinha desgrenhada, com um caco de pente atravessado no alto da cabeça, calçando umas remendadas chinelas de tapete” (BARRETO, 2012, p. 261), que chamava seu nome:

- É o “home qui mi” fez mal; que “mi” desonrou, “mi pois” nesta “disgraça”.

- Eu! – exclamou Cassi.

- Sim! Você “memo”, “seu” caradura! “Mi alembro” bem... [...].

Uma outra mulher, mas esta branca, com uns lindos cabelos castanhos, em que se viam lêndeas, comentou:

- É sempre assim. Esses “nhonhôs gostosos” desgraçavam a gente, deixam a gente com o filho e vão-se. A mulher que se fomenta... Malvados!

[...]

- Você sabe onde “tá” teu “fio”? “Tá” na detenção, fique você sabendo. “Si” meteu com ladrão, é “pivete” e foi “pra chacr’a”. Eis aí que você fez, “seu marvado”, “home mardichoado”. Pior do que você só aquela galinha-d’angola de “tua” mãe, “seu” sem-vergonha! (BARRETO, 2012, p. 262-263).

A personagem que representa também o possível futuro de Clara, mostra a falta de preocupação de homens como Cassi para com suas vítimas, que se tornavam prostitutas ou acabavam até mesmo por suicidar-se, e pelos seus filhos com essas moças – que, com a condição de extrema precariedade em que a mãe se encontrava, acabavam por se envolver em ilegalidades. Cassi nem ao menos se preocupa com o fato de o filho já estar na detenção: “Nenhum pensamento lhe atravessou a cabeça, considerando que um seu filho, o primeiro, já conhecia a detenção...” (BARRETO, 2012, p. 264). No trecho há, ainda, uma mulher branca, como o autor destaca, que parece estar em condição semelhante a Inês, mostrando que as brancas pobres igualmente poderiam acabar na mesma situação. Contudo, as brancas ainda tinham mais chances de casar-se do que as negras. O trecho denuncia a violência contra a mulher que, vítima da situação, é vista por grande parte da sociedade como culpada e é impedida de mudar a condição social a qual é relegada após a ação do conquistador. No caso do relacionamento de Clara com Cassi, certas condições entre eles eram semelhantes, mas ainda havia uma diferença que não pode ser esquecida:

Embora ambos morassem nos subúrbios, pertencessem a uma classe média remediada, fossem filhos de funcionários públicos, com a educação formal favorecendo a moça, persistia uma diferença incontornável entre os dois: ele era branco e ela, “negra”, por isso haviam de confirmar as discriminações vigentes no Brasil. A diferença expressa em termos de raça e origem tornava-se quase estamental. (BARRETO, 2012, p. 411).

Ao compreender a posição em que a sua cor a coloca dentro da sociedade brasileira, Clara mostra a tristeza da tomada de consciência da sua insignificância e da ruína que lhe espera. A fala da personagem que encerra o romance – “Nós não somos nada nesta vida” (BARRETO, 2012, p. 294) – é muito significativa, não apenas por ser uma frase marcante, como também por evidenciar a representação da condição de todos os negros na sociedade brasileira do início do século XX, especialmente das mulheres negras – que acabavam por sofrer não apenas os preconceitos arraigados a sua cor social, mas também aqueles relacionados ao gênero e à pobreza.

Referências

ALENCAR, Francisco; RAMALHO, Lúcia Carpi; RIBEIRO, Marcus Venicio Toledo. *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1996.

BARRETO, Lima. O nosso feminismo. In: HIGA, Mário (org.). *Lima Barreto: antologia de crônicas*. São Paulo: Lazuli Editora, 2010.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Adriana Carvalho. A leitura urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 7-16, jan./jun. 2009.